

A AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: A ATUAÇÃO DOS SERVIDORES TÉCNICOS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO NO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB)

EFFECTIVENESS IN THE EDUCATIONAL CONTEXT: THE WORK OF THE PUBLIC SERVICE CLERKS IN INTEGRATED HIGH "SCHOOL AT THE INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA – IFB (BRAZILIAN FEDERAL INSTITUTE)

Madelon Araújo Nascimento¹ e Marcos Ramon Gomes Ferreira²

RESUMO: Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Brasília (IFB). Por meio deste estudo buscou-se investigar a questão da afetividade nos espaços educativos de escuta aos estudantes e aos seus demais membros que atuam no Ensino Médio Integrado (EMI). À luz desse objetivo, procurou-se analisar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos membros institucionais e se é favorecida no processo das suas relações humanas. Para tanto, foram entrevistados docentes e servidores técnicos do IFB, Campus Brasília e construído, como produto educacional para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica, um e-book a respeito da temática tratada e baseado na realidade da comunidade pesquisada. Concluiu-se, por meio da análise descritiva dos dados, que aspectos ligados à afetividade foram determinantes para a construção do sentido do trabalho e para a qualidade das relações humanas no contexto educacional.

Palavras-chave: Afetividade; educação profissional; relações humanas.

ABSTRACT: This article is a result of a thesis of the Professional Master's degree Program on the Professional and Technology Education of the Instituto Federal de Brasília (IFB). Through this study, we sought to explore the issue of affectivity in listening to the students and other members who work in Integrated High School at the educational spaces. Seeking this objective, we sought to analyze how affectivity permeates the strategies used by the public service clerks in welcoming institutional members and whether it is favored in the process of their human relationships. For that, teachers and public service clerks of the IFB, Campus Brasília were interviewed and, as an educational product to the development of more effective practices in the Professional and Technology Education, an e-book was built on the topic addressed, based on the reality of the researched community. It was concluded, through the descriptive analysis of the data, that aspects related to affectivity were crucial for the construction of the meaning of the work and for the quality of human relationships in the educational context.

Keywords: Affection. Human Relations. Profession Education.

¹ Mestre em Educação Profissional e Educação Tecnológica (ProfEPT / IFB)
Universidade de Brasília
<http://lattes.cnpq.br/3596103654566106>
<https://orcid.org/0000-0002-9590-9115>
Email: madel.araujo@gmail.com

² Doutor em Comunicação (UnB)
Instituto Federal de Brasília
<http://lattes.cnpq.br/9538072103558772>
<https://orcid.org/0000-0002-8720-8706>
Email: marcos.ferreira@ifb.edu.br

INTRODUÇÃO

A afetividade no contexto educacional surge como tema desafiador neste estudo, tanto pela sua subjetividade, que extrapola as possibilidades dos métodos quantificáveis de análise e aferição, quanto pelo contexto de pandemia no qual este estudo foi desenvolvido. O isolamento social, orientação de medida preventiva promulgada pelo Ministério da saúde (MS), que foi necessária para diminuir o risco de contágio pelo novo Coronavírus, mostrou interferir não só na disponibilidade e disposição das pessoas para contribuir com a pesquisa, como na forma delas se afetarem com o seu trabalho, com as suas relações humanas e com os seus próprios sentimentos. Nesse sentido, torna-se importante esclarecer previamente que essas questões integram como marco histórico a realidade social dos sujeitos pesquisados e dos dados que serão aqui apresentados.

Cientes dessas particularidades, é importante também destacar a relevância que esse debate passa a assumir dentro desse novo cenário. Assim, na tentativa de compreender o papel da afetividade no contexto educacional sob uma perspectiva mais ampla, com dimensão do humano indispensável para a construção das suas relações, adotou-se, como principais aportes teóricos as contribuições de Edgar Morin (2011), que alerta para a necessidade de estudar a nossa condição humana nos espaços educativos; Paulo Freire (1996), que igualmente aponta para o impacto da afetividade no processo de ensino e aprendizagem; além de Vigotski (2010), que reconhece no papel das emoções o ponto de partida necessário para qualquer prática educativa que se queira dotada de sentido.

À luz das reflexões provocadas pelos autores referenciados, esta pesquisa buscou investigar a questão da afetividade nos espaços educativos de escuta aos estudantes e os demais membros institucionais, do Instituto Federal de Brasília, campus Brasília. Por espaços educativos tem-se aqui entendido como todo espaço que favoreça o ensino, indo além do ambiente de sala de aula, compreendendo espaços de convivência e de atendimento à comunidade institucional de maneira geral.

Como estratégia para essa análise, foram entrevistados servidores técnicos, mais especificamente, os servidores técnicos da Coordenação Geral de Assistência Estudantil, e docentes do Instituto Federal de Brasília, campus Brasília, que atuavam no Ensino Médio Integrado. Os nomes dos participantes serão preservados em respeito ao sigilo dos seus dados. Com base no material das entrevistas, buscou-se identificar como a afetividade permeava as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos estudantes, docentes e demais servidores, além de analisar se as relações entre seus membros favoreciam ou não a afetividade. Em decorrência dessas ob-

servações, foi construído um material reflexivo como produto educacional, um e-book, com o intuito de propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

Na tentativa de auxiliar a compreensão dos processos de construção de pesquisa, este artigo foi organizado em três etapas: a primeira destinada à sua discussão teórica (a condição humana e sua dimensão afetiva no contexto educacional); a segunda destinada aos procedimentos metodológicos utilizados na coleta e análise dos dados (a afetividade no processo de investigação); e a última etapa destinada aos resultados obtidos, incluindo o resultado da aplicação do produto educacional (a afetividade para a construção de sentido do trabalho).

Debate teórico: a condição humana e sua dimensão afetiva no contexto educacional

Tratar de afetividade no contexto educacional implica em, necessariamente, tratar de relações humanas. Essa é a condição primeira para que qualquer processo educativo se estabeleça. Nesse sentido, o estudo da condição humana surge como elemento estruturante desta pesquisa, tendo em vista ser a base para a compreensão das relações que ocorrem nos espaços educativos e que interferem nos processos de ensino e aprendizagem, cujos aspectos afetivos estão naturalmente intrínsecos.

Partindo dessa premissa, optou-se por utilizar no referencial teórico autores que discutem o papel da afetividade para a condução e humanização do trabalho educativo. Dentre esses teóricos, foram citados como principais: Edgar Morin, Paulo Freire e Vigotski. A fim de traçar o eixo conceitual que será a base da fundamentação teórica adotada para este estudo, propomos iniciar debatendo a concepção de afetividade e complexidade à luz de Edgar Morin.

Morin (2011) refere-se ao mundo da afetividade como o dos sentimentos, da curiosidade e da paixão, que são os propulsores da pesquisa filosófica e científica. Nesse sentido, ressalta que a afetividade pode tanto cegar o conhecimento quanto fortalecer a sua construção, sendo essa relação dialética. Visando esclarecer como se estabelece a dialética entre razão e emoção, cumpre destacar a própria fala do autor a respeito, em entrevista concedida ao Jornal O Globo:

É preciso estabelecer um jogo dialético entre razão e emoção. Descobriu-se que a razão pura não existe. Um matemático precisa ter paixão pela matemática. Não podemos abandonar a razão, o sentimento deve ser submetido a um controle racional. (MORIN, 2017).

É interessante observar na sua fala que elementos supostamente contrários, como a razão e a emoção, na verdade compõem a existência um do outro e estão interligados como constituintes do pensamento humano, portanto, da nossa condição humana. Pode-se deduzir, inclusive, que enxergar complementaridade onde, normalmente, só se vê objetos em negação, é uma forma de compreender a especificidade e complexidade que nos caracteriza enquanto seres humanos e que é objeto de construção teórica por parte do autor e de embasamento para este estudo.

Nessa perspectiva, Morin (2011) defende que a verdadeira racionalidade reconhece seus limites lógicos. Referindo-se à relação dialética como principal fundamento da complexidade do pensamento humano e da nossa condição humana, o teórico remonta à etimologia da palavra "Complexus" para defini-la. Como conceito, relata que significa "o que foi tecido junto" e que há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo. Dessa forma, para o autor: "a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade" (MORIN, 2011, p.36).

Posto o contexto de afetividade e complexidade como características da nossa condição humana, cabe agora ampliar-mos o seu estudo a fim de nos aprofundarmos na sua compreensão, principalmente, enquanto seres humanos que atuam no contexto educacional. Morin aponta para a necessidade de estudar sobre o ser humano, principalmente nos espaços educativos: "A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana" (MORIN, 2011, p.43). Eis uma questão intrigante, pois sinaliza que, até o momento presente, a nossa condição humana tem sido naturalmente desconsiderada dos programas de ensino, mesmo sendo a base de qualquer relação humana, principalmente as relações que envolvem os processos de ensino e aprendizagem.

Contribuindo também para a nossa compreensão enquanto seres humanos, Freire (1996) reforça como característica humana o inacabamento, além do reconhecimento de ser condicionado. Sobre este aspecto, cumpre sublinhar as próprias palavras do autor sobre o que é ser gente:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. [...] Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção da minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (FREIRE, 1996, p.53)

Freire (1996) ainda acrescenta a esperança como característica humana, fruto do seu inacabamento e imprescindível à existência histórica, pois coloca o ser humano em constante movimento de busca.

Percebe-se semelhanças nas concepções de Freire e de Morin sobre a especificidade humana. Ambos reconhecem a influência dos fatores biológicos, culturais e históricos na constituição do ser humano, bem como o seu inacabamento. O "tornar-se", constitui uma das características fundantes da condição humana que nos permite o aprimoramento, a desconstrução e a reflexão. A realidade é que, como bem apontado pelo próprio Paulo Freire: "Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser" (FREIRE, 1996, p.33).

Conduzindo esse debate para a esfera educacional, Freire (1996) questiona a falsa separação radical da seriedade docente e afetividade, avaliada como necessária por muitos educadores. Porém, igualmente alerta para o compromisso ético do docente, que deve estar vigilante para que questões ligadas à afetividade não atuem de forma a preterir, ou mesmo privilegiar alguns estudantes, conforme as suas inclinações e identificações pessoais.

Na mesma direção, Vigotski chama a atenção para o papel da educação no controle das emoções, sem atribuir uma prevalência de importância entre os aspectos cognitivos e afetivos: "A emoção não é um agente menor do que o pensamento. O trabalho do pedagogo deve consistir não só em fazer com que os alunos pensem e assimilem a geografia, mas também a sintam" (VIGOTSKI, 2010, p.144).

Reforçando ainda mais a relevância da dimensão afetiva para o comportamento humano, especialmente no contexto educacional, Vigotski (2010) atribui às emoções a capacidade de impactar e modificar atitudes de forma significativa, orientando o educador a se preocupar em deixar indícios emocionais nos estudantes a fim de que os alunos desenvolvam o comportamento que esperam.

Nessa perspectiva, toda educação que se propõe a pensar o ser humano na sua integralidade precisa se comprometer com o que há de humano em cada um. Conforme relatado por Freire (1996, p.33): "Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador". Essa reflexão é importante de ser realizada no contexto educacional, especialmente, no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, tendo em vista os riscos de ser reduzida a puro treinamento técnico, como se fosse possível aprender sem a motivação daquilo que nos afeta, sem considerar a nossa humanidade em todo o processo.

Dessa forma, a afetividade surge como elemento constituidor do humano que, se bem trabalhado, contribui para um aprendizado carregado de sentido, e por isso significativo. Favorecer essa dimensão no contexto educacional também permite trabalhar valores, tais como a solidariedade, a ética e a empatia, tão essenciais na construção de uma sociedade mais humana, que pense no bem e trabalhe em prol do coletivo. Essa discussão assume ainda mais relevância considerando o momento em que esse estudo foi realizado, a pandemia, que tornou mais evidente o quanto o comportamento de cada indivíduo pode interferir no bem-estar comum, podendo impactar, inclusive, no direito do outro de continuar vivo.

Discutidos os principais conceitos em torno do eixo temático adotado para este estudo, cumpre agora focarmos no debate em torno das relações humanas e das questões afetivas que as envolvem, especialmente quando inseridas no contexto educacional.

Sobre este aspecto, Morin (2011) traz como elemento afetivo importante de ser trabalhado o ensino da compreensão humana e alerta para o fato de que, para ensiná-la, é necessário antes entender as causas da incompreensão, ou seja, o que impede a compreensão humana de acontecer.

Partindo dessa premissa, como principais obstáculos à compreensão humana, Morin (2011) identifica a indiferença, o egocentrismo e o sociocentrismo, que têm como traço comum situar-se no centro do mundo e desconsiderar tudo o que é estranho, distante ou que diverge. Considerando as possíveis consequências desses obstáculos quando experienciados no ambiente escolar, atitudes que denotam incompreensão e intolerância acabam por favorecer a construção de uma educação voltada para a repressão dos sentimentos e desvalorização da história de vida dos estudantes. Como resultado, é possível formar pessoas que desconhecem a si mesmas, aprendem a negar a sua humanidade e acabam por não reconhecer a do outro.

Em síntese, até esse momento, buscou-se discutir a concepção de afetividade e complexidade como características da nossa condição humana, além de debater como aspectos ligados à afetividade permeiam as nossas relações, especialmente, enquanto seres humanos que atuam no contexto educacional. A seguir, apresentamos, ligeiramente, como a dimensão afetiva é tratada nos Planos de Cursos (PPC), do ensino médio integrado, campos desta pesquisa.

A “afetividade” nos normativos relativos ao Ensino Médio Integrado (EMI) do Instituto Federal de Brasília

No intuito de nos aproximarmos da realidade da comunidade pesquisada, apresentamos a seguir um breve levantamento de como a questão da afetividade aparece tratada nos normativos dos cursos do Ensino Médio Integrado, Campus Brasília, mais especificamente, nos Planos de Cursos (PPC) dos cursos de Eventos e de Informática, que são o foco de análise deste estudo.

No que tange ao PPC do Curso de Informática, no perfil que se espera formar desse profissional, verifica-se a presença de características ligadas à dimensão humana como necessárias de serem desenvolvidas: "O Técnico em Informática, no exercício pleno de suas atribuições, deverá ser um indivíduo: responsável, criativo, crítico, prudente, pontual, consciente da ética" (IFB, 2014, p. 07). Esse perfil esperado é igualmente reforçado em um dos objetivos do curso, a saber:

[...] será objetivo do curso, o aprimoramento do educando como pessoa, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, conforme previsão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, propiciando formação completa de leitura de mundo, atuação como cidadão e compreensão das relações sociais. (IFB, 2014, p.21)

Observa-se que a explicitação dessas características pessoais aponta para a necessidade de se formar pessoas com posturas que favoreçam as relações humanas. No entanto, outro ponto também chama a atenção no documento, a predominância, tanto nos objetivos, quanto nas competências do curso, de uma formação voltada para o aprendizado de competências mais técnicas. Cabe ponderar que a importância dada a essa formação não deixa de ser relevante e aparece também atrelada à necessidade de formar cidadãos críticos e éticos diante da tecnologia.

Com relação ao rol de competências do perfil dos egressos do curso de Informática, chama a atenção não aparecer como aptidão a ser desenvolvida por esse profissional algo que remeta à capacidade de se relacionar e de saber lidar com o outro. A competência mais próxima que aparece nesse sentido é a capacidade de "comunicar-se verbalmente e transmitir informações" (IFB, 2014, p. 23). Sobre isso, cumpre retomar o pensamento de Morin (2011) quando adverte que a comunicação por si só não garante a compreensão humana e que é preciso ensinar sobre essa compreensão nas escolas, indepen-

dentemente do nível de ensino.

No documento citado, os servidores técnicos (fazendo um destaque para os servidores técnicos da CGAE) são inseridos ao lado dos docentes e demais envolvidos na formação da aprendizagem estudantil, como participantes do conselho de classe com o propósito de atender aos objetivos acima mencionados. Esse coletivo é relatado como responsável por promover: "um encontro que avalie integralmente o estudante, propondo e refletindo sobre meios pedagógicos e sociais que contribuam para a efetivação da aprendizagem" (IFB, 2014, p. 82).

Em relação aos aspectos afetivos presentes no PPC do Ensino Médio Integrado de Eventos (IFB, 2019a), especificamente sobre as competências esperadas deste profissional, cabe destacar que consta que eles devem ser capazes de atuar com ética, saber interagir com modos de ser e pensar diferentes, aperfeiçoando seu aprendizado por meio de uma vivência democrática com culturas. Além disso, são elencadas como competências específicas, primar por valores morais, bem como atuar em prol da promoção da paz, da comunhão e da redução das desigualdades. É interessante observar que são descritas competências que exigem uma habilidade interpessoal, de trato com o outro, de saber agir sem perder de vista o compromisso com o coletivo e o respeito às diferenças, revelando uma formação mais orientada para as relações humanas.

Fazendo um comparativo entre os dois Planos de Cursos, percebe-se uma diferença na ênfase dada às questões afetivas e relacionais, principalmente quando se trata das competências esperadas para cada um desses profissionais. No PPC do curso de Eventos, é esperado que esse profissional adquira habilidades interpessoais, saiba se relacionar de forma a acolher a diversidade e posicionamentos divergentes, competências ainda mais detalhadas no seu Projeto Integrador. O mesmo detalhamento não foi observado no Plano de Curso de Informática, mesmo tendo sido identificadas necessidades de desenvolver habilidades que envolvam a dimensão afetiva, porém aparecem com menos destaque.

Pode-se inferir, a partir das diferenças encontradas na abordagem nos dois Planos de Cursos, principalmente quando se trata das competências esperadas para cada um desses profissionais, que o maior detalhamento relativo às habilidades interpessoais definidas no PPC de Eventos decorre da percepção de que esse profissional precisa lidar mais com gente na sua prática cotidiana de trabalho, quando comparado ao profissional de informática, o que já implica em um problema de definição. Afinal, a tecnologia também é pensada por e para pessoas. Dessa maneira, não existe um profissional que possa prescindir da sua humanidade e que não precise aprender a re-

conhecer a do outro, principalmente no contexto educacional. A formação com vistas à construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática (objetivos educacionais comuns explicitados nos normativos dos dois cursos) exige uma intervenção no mundo que é essencialmente relacional e precisa ser cada vez mais humanitária.

Metodologia: a afetividade no processo de investigação

Como foi observado, a temática deste estudo envolve essencialmente aspectos subjetivos relativos à nossa condição humana, com especial destaque para a sua dimensão afetiva. Nesse sentido, este trabalho se enquadra na modalidade qualitativa de pesquisa e utilizou como técnica para a coleta de dados a aplicação de entrevista semiestruturada a fim de viabilizar um maior envolvimento dos pesquisados e flexibilidade no processo de aquisição das informações. Além disso, as questões foram conduzidas, conforme destacado por Parodi Be *et al.* (2019), com o objetivo de que o entrevistado tenha liberdade para responder e com isso refletir seus pensamentos confortavelmente.

No intuito de buscar compreender de forma mais ampla como a questão da afetividade se constrói na dinâmica de trabalho envolvida entre os membros do Instituto, foram convidados a participar, além dos servidores técnicos, os docentes e os estudantes do IFB, Campus Brasília, que atuavam no ensino médio integrado. Como critério de escolha dentro desse escopo, estabeleceu-se o limite de quatro participantes por segmento institucional, respeitada a ordem de manifestação de interesse em contribuir com o estudo. No caso dos docentes, foram selecionados dois representantes por curso do ensino médio integrado, Campus Brasília (curso de eventos e curso de informática). Em relação aos servidores técnicos, optou-se por convidar os servidores que atuavam na Coordenação Geral de Assistência Estudantil (CGAE) por ser tido como um setor estratégico, na medida em que lida com questões chaves para permanência dos estudantes na Instituição.

No que concerne aos alunos - haja vista as peculiaridades deste público em termos de acesso e condições - optou-se, como ferramenta de pesquisa, pelo envio e aplicação de questionário com o objetivo de flexibilizar o tempo/espço e, assim, facilitar a participação daqueles que se mostrassem interessados. Apesar do convite ter sido enviado a todos os estudantes do ensino médio integrado atendidos pelos programas de permanência do IFB, Campus Brasília, nenhum retornou manifestando interesse. A ausência de retorno por parte dos alunos sinalizou a importância de se considerar algumas hipóteses que foram apontadas pelos próprios participantes da pesquisa,

como a sobrecarga de atividades à distância inseridas como parte do cotidiano dos alunos, além dos problemas ligados à dificuldade de acesso à internet, evidenciada com maior intensidade no período de isolamento social. Como consequência, não constam dados relativos à percepção dos estudantes nos resultados desta pesquisa, devendo ser levado em consideração o contexto de pandemia no qual foi desenvolvida.

Esclarecidas essas questões e respeitando os protocolos de saúde pública, as entrevistas com os docentes e os servidores técnicos foram realizadas à distância, pela plataforma Google Meet, nos meses de setembro e outubro de 2020. Foram todas gravadas com o consentimento dos participantes e posteriormente transcritas.

Como critério de seleção das principais falas dos entrevistados a serem analisadas, buscou-se identificar nos discursos dos pesquisados elementos afetivos que respondessem aos objetivos específicos da pesquisa, separando-os em conformidade com cada um desses objetivos. Após esse recorte, os discursos dos entrevistados foram novamente agrupados considerando as suas semelhanças, divergências, complementariedade e frequência. Para a interpretação dos dados, foi realizada a análise descritiva das narrativas dos entrevistados à luz dos principais autores já referenciados: Paulo Freire, Edgar Morin e Vigotski.

Esta pesquisa consta registrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética: União Educacional do Planalto Central (UNIPLAC/DF). O número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é: 34095220.0.0000.5058 e parecer de aprovação: 4.239.484.

Resultados: a afetividade para a construção de sentido do trabalho

Em resposta ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, que foi identificar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos estudantes e demais membros no IFB, verificou-se, por exemplo, nos relatos referentes à atividade de planejamento, execução e avaliação dos editais de assistência estudantil, o sentimento de preocupação em partir das necessidades dos educandos, em especial, dos alunos do ensino médio integrado, para pensar todo o seu processo de construção e divulgação. Esse cuidado também foi mencionado para a realização dos atendimentos individuais à comunidade, assim como, para a condução das entrevistas destinadas à avaliação e solicitação dos auxílios assistenciais.

Para exemplificar, a técnica em assuntos educacionais declarou ter atenção em planejar os editais pensando nesse estudante que vai precisar de apoio para ler o edital e preencher o formulário, demonstrando cuidado às necessidades avaliadas

como mais típicas no público de alunos do ensino médio integrado, especialmente, os atendidos pelos programas de assistência estudantil.

Assumindo preocupação semelhante, observou-se igualmente no discurso da assistente social, o cuidado de tentar ouvir o estudante para entender a sua realidade e, assim, solicitar os auxílios conforme as suas particularidades: *“No meu trabalho eu procuro ver muito essa questão da vulnerabilidade que o aluno está passando. A minha estratégia é marcar uma entrevista e verificar o que está acontecendo”*.

Fazendo a conexão com as entrevistas, a escuta aos membros institucionais foi outra estratégia apontada pelos servidores técnicos pensando no acolhimento, mesmo que eles não tenham a competência e os mecanismos necessários para solucionar os problemas trazidos pela comunidade educacional. A relevância desta ação apareceu também reconhecida e explicitada por metade dos docentes entrevistados, além de ressaltada por todos os servidores técnicos, como uma das estratégias que beneficiam significativamente os estudantes, mesmo que as demandas não possam ser por eles sanadas. Neste caso, a escuta emerge como elemento afetivo importante que atravessa as atividades desempenhadas pelos técnicos, imprimindo, de forma mais evidente, no exercício das suas atribuições, a sua dimensão humana.

Valendo-se também da escuta, a psicóloga destacou que a equipe trabalha na intenção de modificar a crença de que o espaço escolar não agrega também o estudante em situação de vulnerabilidade social e que, em tese, não teriam perspectivas depois dali. Em síntese, ressalta que o seu trabalho é voltado a mudar essa percepção. Esse relato, assim como os demais, evidenciam uma consciência do impacto do próprio trabalho para o futuro da comunidade, sobretudo, para os alunos do ensino médio integrado atendidos pelos programas de assistência estudantil.

Na tentativa de enriquecer o debate em torno das questões apresentadas, Freire (1967) ressalta a relevância do diálogo como o único meio capaz de comunicar, pois prima pelo amor, pela fé, pela esperança e confiança no outro. Além disso, o autor reforça que a educação não pode se furtar ao debate e à análise da realidade com criticidade. Fazendo a ponte dessas reflexões com os dados retratados, percebe-se o quanto a adoção do diálogo, na perspectiva defendida por Freire, pode contribuir para a humanização das relações que envolvem o trabalho educativo no Instituto, ainda mais, considerando as atribuições relatadas como responsabilidades por parte dos servidores técnicos. Essas ações exigem, necessariamente, uma análise crítica da realidade, além de um compromisso ético com esses estudantes, principalmente, quando se trata

dos alunos que necessitam dos auxílios para permanecer na Instituição.

Apesar da presença desses elementos afetivos nos discursos dos técnicos, foi ainda mais notória a percepção de que a ação destinada à construção dos editais referentes aos auxílios assistenciais é sentida como uma atividade meramente administrativa e bastante burocrática na prática, tanto pelos próprios servidores técnicos, quanto pelo corpo docente. Para ilustrar, é destacado a seguir alguns dos principais discursos que corroboram esse entendimento:

Vou ser bem sincera, a nossa demanda de trabalho é tão alta, a gente tem que tocar esses editais que a gente toca, ele demanda tanto da gente, trabalho administrativo intenso, de avaliação de documentação, de arquivo, de tudo, que esse lado do acolhimento acaba que não é sistematizado (TÉCNICA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS)

Aqui no Campus só tem uma psicóloga, lotam ela de serviço burocrático. Não é culpa dela porque lotam ela com outras atividades, ela está sempre envolvida avaliando edital, a coitada (DOCENTE 1, Informática)

Esse dado dá margem para inferir que o processo de construção e execução desses editais – principalmente considerando a sobrecarga de trabalho e escassez de funcionários mencionadas como agravantes por estes e pelos demais técnicos entrevistados – possa estar sendo executado desvinculado da reflexão sobre a sua necessária dimensão humana, portanto, também afetiva.

Além da observação feita pela Docente 1 citada, essa impressão do trabalho dos técnicos voltado ao cumprimento de tarefas entendidas como essencialmente administrativas e distantes da sua dimensão afetiva, apareceu também presente na fala de mais dois professores entrevistados (Docente 2 e Docente 4). Ou seja, mais da metade dos pesquisados (três, dos quatro docentes entrevistados) percebem o trabalho dos servidores técnicos predominantemente voltado ao cumprimento de tarefas tidas como puramente administrativas ou burocráticas.

Em relação aos depoimentos supracitados, a Docente 2, do curso de Eventos, relatou que enxerga o trabalho dos técnicos cheio de profissionalismo, mas não afetivo, atribuindo para tanto a própria natureza desse trabalho e do cargo que ocupam na Instituição que, na sua avaliação, não permite um contato mais frequente com os estudantes, quando comparado às possibilidades do trabalho pedagógico.

É interessante observar no relato anterior que existe a ideia de separação entre profissionalismo e afetividade. Ou seja, ela

percebe os servidores técnicos profissionais e competentes, embora o seu trabalho (pela própria condição) não viabilize a afetividade. Essa leitura traz à tona outra discussão importante e que Vigotski (2010) aponta como uma concepção muito comum na nossa sociedade: a de associar talento (competência) somente ao intelecto. Segundo o autor, o talento também se encontra no campo dos sentimentos, sendo possível não só ter talento para pensar, como para sentir. Sob essa perspectiva, podemos deduzir que o profissionalismo à que a professora se refere, poderia também ser afetivo e não só técnico na prática.

Seguindo na exemplificação das declarações dos professores, a Docente 4 ressaltou que identifica equívocos tanto no exercício da função dos técnicos, quanto dos docentes. A respeito do trabalho dos técnicos, faz a seguinte avaliação:

Para mim, em muitos casos, ficou um serviço muito burocrático. Quem está na escola, desde o porteiro até quem está limpando os banheiros, sabe que o serviço nunca é burocrático, é sempre um serviço de atendimento ao público nas suas necessidades. (DOCENTE 4, curso de Eventos e Informática)

Esse relato conversa com o preconizado por Freire (1996), quando diz que a formação educativa é uma prática essencialmente humana e que reduzi-la a mero treinamento técnico significa depreciar essa sua dimensão. Pensando nisso, chama atenção, nos exemplos trazidos, a percepção, por parte significativa dos seus membros, de que as atividades desempenhadas pelos servidores técnicos aparecem dissociadas da sua dimensão humana e focada no cumprimento de prazos e tarefas. A logística necessária para o desenvolvimento do trabalho, especialmente para a condução dos editais de assistência estudantil, também foi relatada como um dificultador para o planejamento de ações voltadas para trabalhar o acolhimento, a afetividade, o que é relativo ao humano, de forma geral.

Mas esse lado humano não deixa de existir pela falta de clareza da presença dessa dimensão como parte inevitável de qualquer ação que envolva o trabalho educativo. Pelo contrário, revelou-se ainda mais evidente e necessário de ser olhado, principalmente, quando esses mesmos membros também relataram o sofrimento vivido diante da sensação de não estarem fazendo o suficiente, do cansaço decorrente da sobrecarga de trabalho, de não se sentirem valorizados nas relações estabelecidas com os demais membros e com a Instituição como um todo.

Trazendo mais elementos concretos que evidenciam essa análise, todos os servidores técnicos entrevistados relataram, de alguma maneira, que consideravam que não era o suficiente

o que estavam desempenhando, mas que entenderam que era o possível a ser feito dentro da dinâmica de trabalho estabelecida no Instituto, a fim de evitar um desgaste ainda maior. Como consequência, verificou-se que a motivação para o trabalho apareceu prejudicada em todas as falas, reverberando negativamente na forma como as pessoas estão se afetando e lidando com os seus afetos na Instituição.

“Os técnicos lá estão exaustos, estão cansados, eu que entrei agora já estou começando a perder o fôlego. Acho que não vai ter jeito, acho melhor eu ficar aqui fazendo o que me mandam, porque eu vou ficar batendo a cabeça que não vai dar em lugar nenhum, não vai resolver, não vai solucionar.” (TÉCNICA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS)

“Hoje em dia, nós estamos simplesmente fazendo o que dá, aí eu já coloquei na minha cabeça que eu não posso sofrer por isso [...] (ASSISTENTE DE ALUNO)

A gente vai se adaptando. Eu não consigo ter a sensação de que eu faço o melhor trabalho que eu poderia, mas também eu vou entendendo que eu faço dentro das minhas possibilidades, dentro do que eu consigo fazer.” (PSICÓLOGA)

É possível observar que nesses discursos que foram relatadas formas de lidar com as situações problemas no Instituto que se tornaram a única alternativa sentida como possível a fim de manter a saúde mental no trabalho. Além disso, verifica-se o cansaço decorrente de um histórico de tentativas frustradas e mencionadas como vividas, sem falar no conformismo, também consequente disto. Assim, diante desse esgotamento, os servidores técnicos parecem perder a esperança, que tanto Freire (1996) nos fala, como elemento essencial de ação e intervenção na realidade, sempre com criticidade. Esse é mais um dado que reforça a relevância da afetividade como força motriz indispensável para a construção do sentido do próprio trabalho.

Somando-se a isso, outro dado que surgiu como agravante foi a pandemia. O uso da tecnologia se colocou com um entrave, em especial à prática docente, fazendo com que as pessoas precisassem se reinventar em um contexto educacional que foi relatado como sendo, em muitos momentos, difícil em termos de relações humanas. Partindo dessa realidade, cabe aqui destacar a defesa de Morin (2011) sobre a necessidade de aprender a lidar com as incertezas como um saber necessário à educação do futuro, principalmente, com as incertezas associadas ao conhecimento. Nesse sentido, observou-se que muitas das angústias relatadas pelos entrevistados decorrem

dessas inseguranças relativas ao período da pandemia.

Em relação ao segundo objetivo específico deste estudo de analisar como as relações entre servidor, discente e docente contribuem ou não para a afetividade, observou-se que os seus membros apontaram, principalmente, questões estruturais como dando causa e acirrando muitas das dificuldades vividas em termos de relações humanas e na forma como as pessoas passaram a se afetar no exercício das suas funções. Dentre essas questões, está a escassez de servidores que impacta diretamente na sobrecarga de trabalho e na disponibilidade e disposição das pessoas para refletir sobre outras dimensões envolvidas na sua atuação, como a dimensão afetiva.

Além da escassez de servidores, foi ressaltada a extensão do Campus Brasília como um elemento significativo e característico que dificulta a aproximação entre as pessoas. A este respeito, metade dos entrevistados, incluindo professores e técnicos, compararam experiências de trabalho vividas em outros Campi do Instituto Federal de Brasília (inclusive fora dele) com a experiência no Campus Brasília. Sob essa ótica, o sentimento de comunidade (relatado como corrente em outros Campi) apareceu destacado como elemento afetivo importante que permite as pessoas se comprometerem não só com o seu trabalho, mas umas com outras, na medida em que sabem e sentem que isso se reverte em melhorias para todos na sua região. Para compreender melhor o impacto desta questão, a falta do sentimento de comunidade, avaliada como característica do Campus Brasília, foi relatada como motivo de descontentamento no trabalho, por 75% dos servidores técnicos e 25% dos docentes entrevistados.

Outro elemento estrutural citado como dificultador, quando se pensa as relações humanas, tem as suas raízes na cultura e na sociedade: refere-se às relações de poder que privilegiam determinados cargos e funções em detrimento de outros. A este respeito, foram descritas diferenças de tratamento quando direcionadas aos servidores técnicos e aos docentes, a depender dos cargos que ocupam na Instituição.

Para ilustrar, cabe sublinhar a fala do Docente 3 - curso de Eventos, quando diz que:

(...) acredito que haja uma medição moral subjetiva entre a qualidade da sua ação e a qualidade da minha ação. Todo mundo ali ideologicamente falou que a educação era a salvação, que o país iria sair das suas dificuldades pela educação. Me atribui, portanto, um papel quase divino. Ninguém fala disso do servidor. (DOCENTE 3, curso de Eventos)

Como dado estatístico da situação apresentada, 62,5% dos entrevistados explicitaram que percebem que o trabalho dos técnicos não é valorizado como acham que deveriam. Dentro deste total, 40% são de docentes e 60% são de técnicos que compartilham dessa percepção. Essa leitura também foi realizada e salientada por metade do corpo docente pesquisado, consciente de alguns de seus privilégios em função do cargo que ocupam na Instituição.

Refletindo sobre as questões postas, é pertinente lembrar sobre o que Morin (2011) diz de a compreensão humana ser um saber necessário à educação do futuro. O autor também orienta para a necessidade anterior de entender as causas da incompreensão a fim de favorecer o exercício da compreensão humana. Para tanto, ressalta que se faz necessário localizar os sujeitos no tempo e no espaço.

Como foi possível constatar nesta pesquisa, os problemas vividos, em termos de relação humanas no Instituto, tem a sua origem na história, e não teria como ser diferente. As diferenças no tratamento direcionado aos técnicos quando comparados aos professores, assim como a ideia relatada como presente, no imaginário dos estudantes, de que a escola não é para eles, envolvem questões históricas, culturais, políticas e sociais. Analisar essa realidade ajuda a compreender comportamentos, minimizar posturas que condenam previamente e responsabilizam individualmente. Dessa forma, torna-se possível estabelecer uma real abertura ao diálogo, sem prescindir da criticidade que Paulo Freire, sabiamente, defende.

Cabe ponderar que apesar de todos os entraves estruturais mencionados para as relações humanas e para a dimensão afetiva no trabalho, chama também a atenção que justamente aspectos ligados à afetividade apareceram como alicerces nos discursos para a permanência dos membros na Instituição:

Muitos alunos que chegam com problemas seríssimos, emocionais, de autoestima e a gente olha hoje para esse aluno e ele floresceu, entendeu que tem um lugar no mundo, se sente respeitado, então isso daí para mim é o essencial do meu trabalho. (ASSISTENTE DE ALUNO)

Com os alunos eu posso e consigo ver o resultado da atuação. Lá eu não faço psicoterapia, é um trabalho mais pontual. Então, eles trazem uma demanda e a gente vê a melhor maneira de resolver. Geralmente a gente consegue, eles retornam, eles falam que está dando certo. Tem muita gente pensando em desistir e continua. (PSICÓLOGA)

O ensino médio é diferente de criança e é muito diferente de adulto. Sempre gostei muito, acho que muito porque eu vejo

que a gente consegue mudar a vida deles. Então, tu tens uma influência no ensino médio e acho que professor tem uma responsabilidade muito grande. (DOCENTE 1 - Informática)

Essas narrativas revelam que o sentido do trabalho surge ligado à forma como cada um identifica que afeta positivamente o desenvolvimento do outro, no caso em questão, o aluno. Nesse sentido, a dimensão afetiva aparece como elo que permite ao sujeito iluminar a própria prática de propósito. O estudante, por sua vez, assume o papel de grande protagonista dos esforços direcionados pelos demais membros, por ser ele também o que melhor reflete a importância e o impacto das ações no contexto educacional.

Reconhecendo a necessidade de enfrentamento dos desafios apresentados pela comunidade estudada, compete considerarmos o impacto dos pequenos gestos cotidianos para o desenvolvimento dos estudantes, conforme Freire (1996) nos fala. A este respeito, o autor lamenta que o que há de informal na vivência escolar, tanto de formação, quanto de deformação, seja esquecido em prol de uma formação prioritariamente conteudista.

Essa reflexão vai ao encontro de muitas das experiências relatadas na pesquisa e que se deram nesses espaços socializantes da escola ressaltados por Freire. Nesse cenário, a dimensão afetiva ganha especial destaque, assim como a nossa condição humana. Conscientes disso, pensar em formas de intervir nessa realidade, atuando no cotidiano escolar, nos espaços informais de convivência, por meio de pequenos gestos (FREIRE, 2011), pelo exercício da compreensão humana (MORIN, 2011), procurando deixar uma marca emocional positiva nos estudantes (VIGOTSKI, 2010) tornam-se vias importantes de serem exploradas.

Resultado da aplicação do e-book como produto educacional para trabalhar a afetividade no contexto educacional

Partindo das interpretações da análise das narrativas dos pesquisados, foi construído como produto educacional um e-book, intitulado: A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional. Esse e-book foi publicado na plataforma Educapes e está disponível para consulta (Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644361>). A opção por esse formato para o instrumento educacional levou em consideração a sua perenidade e flexibilidade que se mostraram características importantes, por parte dos próprios pesquisados, para melhor atender a realidade da comunidade em questão. Além disso, este material buscou

responder ao último objetivo desta pesquisa que foi propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

Caminhando nessa perspectiva, o *e-book* foi construído de forma dialogada, utilizando como exemplos concretos as experiências trazidas pelos próprios membros da Instituição na etapa de investigação da pesquisa. A partir dessas vivências, foi feita a sua costura com as contribuições teóricas dos autores aqui referenciados, além de alguns artistas, como músicos e poetas. A escolha por esta configuração teve por objetivo envolver o leitor e aproximá-lo da temática tratada a partir dos seus afetos. Dessa forma, esperou-se proporcionar um processo reflexivo e inspirar ideias capazes de mobilizar ações e atacar a desesperança tão presente, de alguma forma, em todas as falas dos pesquisados.

A fim de validar esse processo de construção junto à comunidade estudada, foram convidados a participar da etapa de aplicação do produto educacional (que ocorreu durante o mês de setembro de 2021) todos os oito participantes que contribuíram com a pesquisa na sua fase de investigação (totalizando quatro docentes e quatro servidores técnicos). Destes, seis retornaram avaliando o material (sendo dois docentes e quatro servidores técnicos).

Para a avaliação do produto educacional foi criado um formulário na plataforma Formulários Googles Forms e utilizada a escala Likert como método de aferição, composta de quatro perguntas de múltipla escolha com graus progressivos de concordância e discordância, além de uma questão aberta destinada a sugestões, críticas e observações. Os detalhes dessa etapa de avaliação estão disponíveis na dissertação derivada desse estudo (NASCIMENTO, 2021). De forma geral, o produto foi bem avaliado pela comunidade pesquisada e tido como um material muito útil para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na educação profissional e tecnológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental interpretar os dados apresentados considerando o contexto de pandemia no qual o estudo foi desenvolvido, o que pode ter contribuído, inclusive agravado, o sentimento de desesperança observado na maioria das falas dos membros institucionais pesquisados, assim como, ter sido decisivo para a não participação voluntária dos estudantes convidados a contribuir com a pesquisa.

Além disso, ao mesmo tempo que a necessidade de isolamento social dificultou a aplicação deste estudo, igualmente favoreceu e evidenciou a relevância da sua temática. O universo dos sentimentos e afetos passaram a receber um olhar mais

atento por parte da sociedade e do mundo como um todo. As pessoas foram, de alguma forma, induzidas a pensar a respeito da importância do coletivo, das relações humanas, do contato entre as pessoas e dos seus próprios sentimentos.

Essa percepção social pode ser corroborada e identificada também neste estudo, quando metade dos participantes alegaram que sentiam falta, no Campus Brasília, do sentimento de comunidade que já tinham experimentado em outros espaços onde trabalharam, principalmente, em outros campi do próprio Instituto. A interferência das ações individuais, que nunca são individuais quando podem prejudicar o bem-estar comum, apareceram mencionadas desta forma.

O desconhecimento sobre o fazer do outro e sobre o outro, também deram margem a interpretações e expectativas que dificultavam as relações e a afetividade positivamente. Em contrapartida, a escuta apareceu como elemento afetivo importante nas atividades desempenhadas pelos servidores técnicos e igualmente reconhecida por parte do corpo docente, como ação essencial desenvolvida por esse segmento de trabalhadores.

Embora na fala dos entrevistados os aspectos estruturais, tais como: dimensão do Campus, escassez de servidores, cultura organizacional, sobrecarga de trabalho, tenham surgido percebidos como dando causa a parte considerável dos problemas vividos, em termos de relações humanas entre seus membros, foram os seus sentimentos, decorrentes da forma como se afetam pelo modo do outro agir, que culminaram como determinantes para os sofrimentos relatados como vividos no ambiente de trabalho, assim como, para a construção do sentido da sua prática profissional.

Pensando nisso e no poder do amor como elemento essencial para a qualidade das relações humanas e, consequentemente, para o trabalho educativo, cumpre destacar que: “O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto à descoberta do cálculo diferencial. Em ambos os casos o comportamento humano assume formas exclusivas e grandiosas” (VIGOTSKI, 2010, p.146).

Com esse anseio, fica como apontamento importante desta pesquisa (reforçando as contribuições de Morin, Freire e Vigotski abordadas) o desejo de que esse sentimento, assim como tudo o que envolve a nossa condição humana, seja objeto de estudo e de aprendizado, como parte essencial dos programas de qualquer instituição educativa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Plano de curso**. Curso técnico em eventos integrado ao ensino médio, 2019a. Disponível em: <<https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/PPC%20eventos.pdf>>. Acesso em: 22 mar.2020.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Plano de curso**. Técnico em informática integrado ao ensino médio, 2014. Disponível em: <<https://www.ifb.edu.br/attachments/article/6397/Plano%20de%20Curso%20do%20Ensino%20M%c3%a9dio%20Integrado-Informatica-Readqua.pdf>>. Acesso em: 30 jan.2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin. [Entrevista concedida a]: Úrsula Passos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, outubro, 2019. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/seguimos-como-sonambulos-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. [Entrevista concedida a]: Andrea Rangel. **O Globo**, janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

NASCIMENTO, Madelon Araújo. Afetividade no contexto educacional: a atuação dos servidores técnicos na construção da afetividade no Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Brasília (Dissertação de Mestrado). Biblioteca digital de Trabalhos de Conclusão de Curso. Disponível em: <<https://bdtcbra.omeka.net/items/show/591>> Acesso em 14/01/2022.

NASCIMENTO, Madelon Araújo; FERREIRA, Marcos Ramon G. afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644361>> Acesso em 14/01/2022

PARODI BE, Tauane Carolina et al. Análises textuais: A importância da escolha metodológica para o sucesso de uma pesquisa qualitativa. In: BRANCHER, Vantoir Roberto et al. (Orgs.). **Metodologia(s) da pesquisa em educação profissional e tecnológica**: Dilemas e provocações contemporâneas. Paraná: Brazil Publishing, 2019. cap. 8, p. 138-159. ISBN 978-65-5016-046-3.

VIGOTSKI. L.S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.